

CDU (869.0(81) AZEVEDO.06
(869.0(81) RAMOS.06

O CONTEÚDO GEOGRÁFICO NOS ESPAÇOS ROMANESCOS

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

Em trabalho recente, ainda inédito, procurando apontar as tendências atuais na Geografia, chamei a atenção àquela tentativa em resgatar as componentes humanísticas desta ciência. Ao aproximar a geografia da literatura, querem alguns geógrafos interessados na experiência dos "lugares" (POCOK, 181), realçar o valor da descrição na criação literária à compreensão dos espaços. Em outra oportunidade, igualmente recente, ousei transpor a soleira do teórico e praticar um experimento aplicado ao "Corpo de Baile" de Guimarães Rosa.

Tal como apareceu em sua primeira edição (1957) o conjunto de "romances" e "contos" ali agrupados arquitetam um mosaico romanesco que me pareceu capaz de revelar toda a magnífica percepção holística – integradora de realidade e magia – do sertão roseano. Malgrado a inteireza estrutural daquela obra, pareceu-me que a experiência do lugar no "Sertão" de Guimarães Rosa, pelo menos para efeito comparativo, devesse ser projetada à outras obras. O confronto com a experiência de outros escritores, em outros momentos históricos e em outros pontos de nosso território, poderia propiciar uma melhoria na perspectiva crítica daquele processo de análise em andamento.

Para contraponto ao *Corpo de Baile* de Guimarães Rosa procurei avaliar a experiência em duas outras obras contrastantes. Recuei vinte anos para a escolha do *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (1938) e daí, mais quarenta e oito, para o *Cortiço* de Aluísio de Azevedo (1890). Pare-

ceu-me que o contraste urbano-rural destas duas obras serviriam a meu propósito.

O presente estudo é, assim, uma seqüência num experimento analítico feito por um geógrafo em algumas obras primas de nossa literatura para avaliar o conteúdo geográfico das mesmas. No sentido de confrontar a "experiência dos lugares" vivenciada por escritores consagrados com aquela observada por geógrafos.

Faço questão de expressar claramente meu desejo de que este trabalho não seja confundido com qualquer pretensão crítica à teoria ou ao conteúdo literário, nem tampouco que o que aqui se focaliza seja generalizado à "obra" dos autores. Que ele seja tomado nos limites específicos dos romances aqui tratados e considerado como um simples exercício de apreciação do conteúdo geográfico de ambos os espaços romanescos.

É necessário considerar, sobretudo, que, tanto a realização de uma tal tarefa quanto a sua apreciação pressupõem uma transcendência ao preconceito em separar o "objetivo" das "verdades" científicas e o "subjetivo" da criação artística.

Ambos os romances aqui analisados foram tomados em recentes edições, de caráter didático, tal como estão registrados na Bibliografia e a elas deve ser referenciada a paginação a que me refiro no decorrer do texto.

REALISMO LITERÁRIO E DETERMINISMO GEOGRÁFICO EM ALUÍSIO DE AZEVEDO NO *O CORTIÇO*

Se foi com o seu romance *O Mulato* (1881) que Aluísio de Azevedo inaugurou, em nossa literatura, o movimento dito realista, é em *O Cortiço* (1890) que ele se afirma. É neste romance, ligado à realidade urbana do Rio de Janeiro que os postulados do escritor francês TAINÉ*, tido como mentor daquela corrente literária, afloram com maior clareza. Combinando positivismo como doutrina filosófica e determinismo naturalista como suporte científico o escritor francês, preconizava que se encarasse a obra de um dado autor segundo a sua personalidade herdada, dentro de um dado contexto geográfico e segundo a situação histórica na qual estava inserido. Tal é a trilogia tainiana: raça, ambiente e momento.

A "vitesse acquise", entendida por aquele pensador como o resultado da pressão da raça e um dado momento pode conduzir tanto ao viés da causalidade histórica quanto aquele da motivação psicológica. Uma herança do passado sobre uma conjuntura presente que, deixam margem para que a pressão do meio seja uma conseqüência de verificação futura. Uma tríplice combinação.

Sem a preocupação de formular qualquer juízo de valor sobre essa concepção, parece-me, contudo, que ela pode guiar a abordagem nesta

* Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893) expressou o fundamento de suas concepções em teoria literária em 1853 em seu *Essais sur les Fables de La Fontaine*.

análise, tomada como um desafio. *O Cortiço* é, antes de tudo, um romance do "coletivo", tomando o complexo, heterogêneo dos seus moradores, composto de mestiços brasileiros, muitos portugueses e alguns imigrantes representando a entrada da mão de obra substituinte do trabalho do escravo negro. O momento que retrata é aquele que antecede a Abolição e a República. O ambiente vai desde o aglomerado social da habitação coletiva, num bairro do Rio de Janeiro, então uma insalubre cidade portuária numa região tropical. E o trópico, em contraposição ao meio europeu mediterrâneo vem a ser um elemento importante na trama.

Os elementos a destacar inicialmente na análise do geográfico são a "posição" do bairro de Botafogo – nos seus "rafolhos", como expressa o autor – ponta de lança da expansão da cidade para aquilo que se ia configurar como "zona sul" e o próprio "cortiço" como amostra de sua composição populacional heterogênea e caracterizadora de uma feição urbana que, nascente naquele momento, haveria de continuar-se pelo futuro como um caráter da cidade do Rio de Janeiro e da cidade brasileira: a sub-habitação.

O romance concentra-se no coletivo do cortiço que tem como sítio um dado ponto à retaguarda da Praia de Botafogo, em torno do cruzamento entre a Rua de São Clemente e a Real Grandeza. Até os anos quarenta era ainda possível, pela pedreira desativada, um vasto capinzal e uns sobrados em ruínas – eles próprios funcionando como outros novos cortiços – perceber o local do grande cortiço do final do século passado que inspirara o escritor maranhense.

Fruto da obsessão do vendeiro João Romão em fazer fortuna o mais rápido possível e a qualquer preço, o "cortiço", gerado entre o sobrado do comerciante de tecidos da Rua do Hospício – o Miranda – e uma já existente pedreira o romance acompanha a habitação coletiva do seu nascedouro, pelas suas vicissitudes iniciais até sua metamorfose em Avenida São Romão.

A posse dos terrenos foi feita mediante *"luta renhida e surda entre o português negociante de fazendas por atacado e o português negociante de secos e molhados."* Levou a melhor este último, o João Romão, que, adquirindo a pedreira e os terrenos, poderia satisfazer *"sua única preocupação: aumentar os bens"*. Enquanto a produção da pedreira era absorvida na febre de construções a sub-habitação coletiva abrigaria os muitos recém-chegados ao bairro. Um dos projetos do João Romão para o seu rápido enriquecimento foi

... a criação de uma estalagem em ponto enorme, uma estalagem monstro, sem exemplo, destinada a manter toda aquela miuçaiha de cortiços que alastravam por Botafogo. (p.19).

Não se procure no romance descrições copiosas do bairro e sua paisagem pois que ele se concentra no cotidiano do cortiço e num paralelo entre esse e outros congêneres, especialmente o "Cabeça-de-Gato", com o qual manterá uma guerra aberta.

Se não preocupa o autor descrever a paisagem há, contudo, uma riqueza na exibição do dinamismo do bairro nascente, o que é feito em função da diversificação de atividades do vendeiro, que se aproveitava expertamente daquele pioneirismo para aumentar suas fontes de renda.

Entretanto, a rua lá fora povoava-se de um modo admirável. Construíam-se mal, porém muito: surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os aluguéis; as propriedades dobravam de valor. Montara-se uma fábrica de massas italianas e outra de velas, e os trabalhadores passavam de manhã e às Aves-Marias, e a maior parte deles ia comer à casa de pasto que João Romão arranjara aos fundos da sua varanda. Abriam-se novas tavernas: nenhuma, porém, conseguia ser tão afreguesada como a dele. Nunca o seu negócio fora tão bem, nunca o finório vendera tanto; vendia mais agora, muito mais, que nos anos anteriores, (p.20).

A ação romanesca concentra-se no cortiço. Ali são exibidos os seus habitantes em rica caracterização, e a trama envolve o "coletivo", mostrando as relações de uns moradores com os outros e deles todos em seus vínculos comerciais com o ganancioso Romão. O bairro funciona como espaço imediato de relação mas não é ele, em sua paisagem, que merece destaque. Ele pode ser identificado através de breves referências segundo os deslocamentos dos personagens do cortiço e do sobrado do Miranda, que, funciona como uma espécie de contraponto imediato, exibindo pelo contraste flagrante, o "meio" de enriquecimento do vendeiro João Romão e o "fim" a que ele se destina: um sobrado para acolher sua almejada condição de barão ou comendador.

A partir do cortiço poder-se-ia localizar em um mapa os pontos de deslocamento dos personagens e, facilmente, delimitar o espaço de relação imediato e remoto. A "praia" (progredia da moda dos banhos de mar) era onde "a noite, às vezes, quando o tempo estava bom" a família do Miranda ia dar uma volta. A igreja de São João Batista era onde Pombinha assistia missa aos domingos. Em frente ao portão do Cemitério (São João Batista) estava o botequim do Manuel Pepé. Este e o Gamizé, a entrada da Rua da Passagem, na praia, eram pontos importantes na boemia do Fimmo, o mulato pernóstico e capoeira, amante da Rita Baiana. Um verdadeiro círculo pode ser traçado quando, na ronda do crime, o cavouqueiro Jerônimo e seus ajudantes Pataca e Zé Carlos procuram o Fimmo para perpetrar a vingança da navalhada que recebera. No Capítulo XV pode-se identificar a maior concentração de lugares mencionados: a praia da Saudade, o Hospício, o Catete, praia da lapa e finalmente a rua da Glória, onde Jerônimo e seus companheiros, instalam-se num café, subindo "por uma das escadinhas que ligam esta rua à praia".

Jerônimo e Piedade, chegaram ao cortiço de Botafogo, provenientes da Cidade Nova que, tal como Botafogo, era área de expansão do centro da cidade, conquistada aos mangues, do Campo de Santana a São Cristovam. Ali próximo, num contraforte dos morros graníticos, estava a Pedreira São Diogo, onde trabalhara o cavouqueiro português. E é

para a Cidade Nova que ele volta ao abandonar Piedade, e vai morar com Rita Baiana.

Esta, em sua boemia de mulata assanhada, é o personagem de maior mobilidade, indo e vindo ao cortiço, deslocando-se desde Jacarepaguá, onde ficara tempos num sítio com o Firmo até a Penha onde, numa festa da Padroeira, aprontara uma de suas famosas pândegas.

O centro da cidade, de início só é mencionado em função do Botelho, velho decadente que leva vida parasitária junto ao comerciante Miranda.

... almoçava e sala, tomava o bonde e ia direitinho para, uma charutaria da Rua do Ouvidor, onde costumava ficar assentado até às horas do jantar, entretido a dizer mal das pessoas que passavam lá fora, defronte dele. Tinha a pretensão de conhecer todo o Rio de Janeiro e os podres de cada um em particular." (p. 25).

As menções ao centro aumentam por obra da ascensão social do João Romão. Quando o vendeiro passa a vestir-se bem e a frequentar o sobrado do ex-inimigo Miranda, pretendendo-lhe a mão da filha, é que surgem as confeitarias da Rua do Ouvidor, a Rua Gonçalves Dias, o Largo de São Francisco, a Rua Direita, o Teatro São Pedro de Alcântara.

No quadro 1 procurei anotar todos os lugares mencionados no romance, de modo a esquematizar – no espaço urbano do Rio de Janeiro – o espaço romanesco em suas diferentes categorias, segundo a ação dos personagens.*

Não há no romance qualquer data que lhe determine o tempo exato embora não haja dúvidas que ele medeia entre o após guerra do Paraguai e antevéspera da Abolição e República. Os anos oitenta, talvez mais para a segunda metade da década.

Neste aspecto temporal o velho Botelho serve de baliza. Ao explicar-lhe a decadência e sua vida parasitária o autor comenta:

Fora em seu tempo empregado do comércio, depois corretor de escravos (. . .) Atirou-se muito às especulações; durante a guerra do Paraguai ainda ganhara forte, chegando a ser bem rico; mas a roda desandou e, de malogro em malogro, foi-lhe escapando tudo por entre as suas garras de ave de rapina. E agora, coitado, já velho (. . .) vegetava à sombra do Miranda, com quem por muitos anos trabalhou em rapaz, sob as ordens do mesmo patrão. . . (p.25).

Percebe-se aqui que a guerra do Paraguai (1856-1870), é apontada como algo já um tanto passado. Se não remoto, pelo menos algo mais do que uns poucos anos.

*O ideal seria localizá-los num mapa da cidade do Rio de Janeiro do final do século (1880-1890) o que, não podendo ser feito no contexto do presente trabalho, fica sugerido para oportunidades futuras.

A ação do romance é coisa de uns poucos anos. Assim sendo parece claro que o escritor para retratar o velho e sua convivência na família Miranda tem que recuar no tempo. O sobrado do Miranda é anterior ao cortiço cuja origem e transformações iniciais são o tempo do romance.

Assim, eram as vezes muito quentes as sobremesas do Miranda, quando, entre outros assuntos palpitantes, vinha à discussão o movimento abolicionista que principiava a formar-se em torno da lei Rio Branco. (p. 25).

Tendo sido a lei Rio Branco, mais conhecida como do Ventre Livre (1871) promulgada logo após a guerra, percebe-se que para analisar o caráter do personagem através de sua vivência na casa do Miranda, o autor necessita de um certo segmento temporal e daí o seu recuo.

De qualquer modo, ao final do romance, quando uma comissão de abolicionistas vem ao João Romão "de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio-benemérito". no momento mesmo em que o ex-vendeiro entrega a Bertoleza à polícia como escrava fugida, é evidente que não se chegara ainda a maio de 1888. Considerando-se que a primeira daquelas associações — a "Sociedade Brasileira contra a Escravidão" fora fundada por Joaquim Nabuco e André Rebouças em 1880* torna-se possível identificar a década dos oitenta como o tempo do romance.

Da maioria de D. Pedro II (1840) até a República (1889) a cidade de São Sebastião dera um grande salto populacional passando de um efetivo em torno de duzentos mil habitantes para um pouco mais de quinhentos mil o que significa bem mais do dobro. Desde a lei Eusébio de Queiróz (1850) interrompendo o tráfico de escravos e a expansão da cafeicultura para o oeste paulista, se iniciara a prática do fomento a imigração européia para suprir a falta crescente de mão-de-obra. A decadência dos cafezais do vale do Paraíba e os problemas dos barões do café, desencadeavam uma evasão de escravos do campo para a cidade.

A própria Bertoleza, escrava de um velho cego de Juiz de Fora, viera para o Rio de Janeiro como "negra de ganho", enviando, durante certo tempo, pagamento regular ao senhor seu amo. Parte dos imigrantes não se adaptavam ao trabalho da lavoura, em grande parte pela nebulosidade então vigente entre o estatuto do trabalho escravo e do trabalho livre.** O próprio Jerônimo, personagem de muito destaque no romance de Azevedo, antes de tornar-se cavouqueiro na Pedreira São Diogo, no rio, principiara como trabalhador na lavoura da qual, ao cabo de algum tempo, se evadira.

* A proliferação desta agremiação levaria em pouco tempo (1883) ao aparecimento a "Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro."

** Ver a propósito os estudos de Maria Sylvia Carvalho Franco sobre Trabalho Escravo, Trabalho Livre: em sua tese ou em artigos de divulgação.

Embora os habitantes do cortiço em foco retratassem sobretudo uma rivalidade no paralelo "galegos" (portugueses) contra "cabras" (mestiços brasileiros) já fazia parte daquela comunidade o grupo de mascates italianos: Deporto, Pompeo, Andréa, . . . que, ao lado da existência da fábrica de massas italianas (a vapor) em Botafogo, demonstram já a presença do imigrante recente.

O pique dessa entrada de europeus ocorre exatamente no ano seguinte à publicação de *O Cortiço* (1891) quando o surto imigratório atingiu cerca de duzentos e quinze mil pessoas.*

A cidade, em pleno surto de crescimento e expansão guardava em si contrastes flagrantes que não escaparam à observação dos cronistas e viajantes que a visitaram. Os requintes das mercadorias da Rua do Ouvidor eram enxertos aberrantes numa cidade onde a qualidade de vida, por falta de um mínimo de condições higiênicas, era das mais precárias. O crescimento daquele período final do século veio agravar as deficiências sanitárias, que culminavam no porto, com os seus focos de febre amarela. A atmosfera de pestilência da capital do Império era de tal ordem que a corte se refugiava em Petrópolis. Tal era a cidade que estava à espera das vigorosas reformas de Pereira Passos e Oswaldo Cruz nos primeiros anos deste século.

A expansão da cidade em construções, na maioria de má qualidade, era acompanhada da proliferação dos cortiços, fossem grandes, como aquele de Botafogo, fossem eles menores, juntando-se a todo um conjunto de formas de sub-habitação urbana: quadras, casas de cômodos, calojis e zungus (expressões africanas) que, variando em formas e dimensões expressavam, antes de tudo, um mesmo processo deficiente de urbanização.

Botafogo, até bem pouco, domínio de chácaras e quintas via-se tomado pela expansão urbana já mais ou menos consolidada no Flamengo e Catete, com prolongamentos pelo vale das Laranjeiras, onde havia residências de maior conforto.

Na segunda metade do século a expansão desordenada se dá em Botafogo, onde o batismo das ruas e demais logradouros públicos se compromete sobremaneira com a guerra do Paraguai como que a exhibir-lhe a certidão de nascimento. Uma de suas grandes vias, da praia para o interior é a Voluntários da Pátria que desemboca no largo do Humaitá. Embora não detenha a exclusividade — a Rua Paissandú, com sua aléa de palmeiras imperiais liga a praia do Flamengo ao Palácio Residencial da Princesa Izabel — apresenta a maior concentração, sobretudo pela nomenclatura associada aos vultos militares: generais Polidoro, Camisão, etc, etc.

Além daquele trecho atrás reproduzido da descrição do "dynamismo" do bairro, aquela que Azevedo nos dá do botequim Garnizé, atesta

* A partir daí houve um declínio progressivo até que, em 1898, no advento de Campos Salles, se reduzirá para cerca de setenta e sete mil imigrantes.

bem a heterogeneidade e qualidade urbana vigorantes em Botafogo naquele então.

O Garnizé tinha bastante gente essa noite. Em volta de umas doze mesinhas toscas, com uma coberta de folha-de-flandres pintada de branco fingindo mármore, viam-se grupos de três e quatro homens, quase todos em mangas de camisa, fumando e bebendo no meio de grande algazarra. Fazia-se largo consumo de cerveja nacional, vinho virgem, parati e laranjinha. No chão de areia havia cascas de queijo de Minas, restos de iscas de fígado, espinhás de peixe, dando a idéia de que ali não só se enxugava como também se comia. Com efeito mais para dentro, num engordurado bufete, junto ao balcão e entre as prateleiras de garrafas cheias e arrolhadas, estava um travessão de assado com batatas, um osso de presunto e vários pratos de sardinhas fritas. Dois candeeiros de querosene iluminavam, encarvoando o teto. (p. 114).

Além do “chão de areia” o botequim era iluminado por “candeeiros de querosene”. Assim, em meio aos chalés e casinhas que surgem da noite para o dia” e para as quais ir-se-ia a pouco e pouco instalando a iluminação a gaz iniciada desde 1854, pelo Visconde de Mauá – remanesciam aquelas manifestações mais rústicas e arcaicas. Daquela época datava também a instalação dos bondes (de burros) que já atingiam Botafogo penetrando na Rua São Clemente, conforme registro no romance. E o Botafogo que antecede o bairro das grandes mansões que se ergueram na Praia, em São Clemente, na Rua D. Mariana, no Largo dos Leões (e outros pontos), mais tarde, já no início do século, na cidade melhorada por Oswaldo Cruz e Pereira Passos.

No bairro de Botafogo, naquele tempo da década dos oitenta do século passado o romance *O Cortiço*, entre outros méritos tem sobretudo aquele de retratar, com esta amostra de sub-habitação, a heterogeneidade e dinamismo da sociedade urbana em formação.

Acrescentou Azevedo ao quadro evolutivo da cidade mais um retrato que vem juntar-se àquele outro deixado por Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) com o seu *Memórias de um Sargento de Milícias*, do Rio de Janeiro dos tempos do Senhor D. João VI. No início do século passado a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro trouxera também uma substancial mudança na vida urbana. De pouco mais de cinquenta mil habitantes ela duplicara, beneficiando-se contudo de muitos melhoramentos que a presença da corte exigiria”. Na década de oitenta para os primeiros anos da República, o grande aumento populacional era acompanhado de uma importante mudança qualitativa.

O cortiço revela a heterogeneidade da população. Imigrantes europeus mesclam-se a uma maioria de mestiços brasileiros de várias procedências. Lavadeiras, policiais, artezãos e artífices mesclam-se à malta de malandros, capoeiras e mantêm, na sua vida de relações, uma entremeada teia com comerciantes, fazendeiros, “cocottes” franceses e mulheres que fazem má vida (na Rua de São Jorge). O romance exhibe pois uma

* O Sargento de Milícias e o famoso Vidigal foram personagens “do tempo do rei”, entre a Guerra Cisplatina e a saída de D. João VI.

mescla de população que já se distancia de certo modo de uma atividade rural, profundamente marcada pela monocultura cafeeira, e já principia a apresentar um caráter indistigavelmente "urbano". Poder-se-ia pretender até enxergar nessa massa, aparentemente amorfa, aquilo que viria a se constituir no proletariado urbano.

Já tem sido sobejamente ressaltado o fato de que a longa campanha do Paraguai servira para colocar a oficialidade em contato com negros e mestiços altamente mobilizados para o grosso das tropas. Com a volta das tropas à corte, houvera um reforço aos movimentos abolicionista e republicano na população urbana. É interessante lembrar também uma certa sintonia entre as forças amadas e o operariado nascente. Note-se que no ano mesmo da publicação do romance aqui analisado (1890) houve a criação de um "Partido Operário", sob a égide do Tenente José Augusto Vinhaes, líder dos ferroviários da Central do Brasil (D. Pedro II) cuja sede, teria tido um importante papel social, inclusive como centro fomentador de atividades artísticas no Rio de Janeiro.

Certamente mais do que o "momento" e talvez num grau equivalente do "ambiente" (social) este romance de Aluisio de Azevedo ponha em destaque o terceiro membro do trinômio: a "raça". São muito vivas as cores com que é pintado o conflito entre o imigrante português e o novo ambiente (urbano) em que se inseriu no ambiente mestiço brasileiro. Ali o seu "caráter" é posto a prova tanto pelas pressões sociais quanto por aquelas que lhe impõe o ambiente tropical. O romance concentra-se na relação galegos x cabras ao mesmo tempo que avalia diferentes capacidades de reação dos portugueses.*

Os valores transplantados da terra para a ex-colônia são aqueles que se canalizam para acumular posses e fazer fortuna, alguns sucumbem ante um exagerado esforço físico como foi o caso do primeiro português da negra Bertoleza que, um dia:

...depois de correr meia légua, puxando carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta. (p.13).

Na carroça ou no balcão o que o imigrante português perseguia na cidade brasileira pode ser entendido por estas reflexões do negociante de tecidos, o Miranda:

O Brasil era uma cavalgada carregada de dinheiro, cujas rédeas um homem fino empolgava facilmente; ele, que se tinha na conta de invencível matreiro, não passava afinal de um pedaço de asno comparado com o seu vizinho! Pensava fazer-se senhor do Brasil e fizera-se escravo de

* É preciso notar que naquele momento histórico o português não é mais o "reino!" mas o imigrante que aqui vem tentar a fortuna como outros europeus. Embora, evidentemente, com maiores facilidades que os demais.

uma brasileira mal-educada e sem escrúpulos de virtude! Imaginara-se talhado para grandes conquistas, e não passava de uma vítima ridícula e sofredora! . . . Sim! no fim de contas qual fora a sua África? . . . (p. 22).

“África” tomada aqui com o significado de “façanha”, expressa no processo lingüístico de metonímia, o prolongamento do processo colonizatório.

A rivalidade Miranda x João Romão transformou-se, posteriormente, em aliança, como mais uma estratégia de ascensão social deste último. A força e o valor da “raça” estaria em vencer ou domar a cavalgada em vez de deixar-se abater por ela. A trama central do romance, no coletivo do tratamento, é o paralelo entre a força do João Romão e a fraqueza do Jerônimo, no embate do valor da raça e força do ambiente: a natureza tropical e a sociedade mestiça.

Os milagres de esperteza e de poupança de João Romão em acumular bens, seus rancores de inveja ao saber o Miranda feito “Barão” (p.80–81) complementada pela história da chegada do Jerônimo (p. 41) dão conta desses propósitos que perturbavam os “galegos”.

Os preconceitos e estereótipos de racismo perpassam pela narrativa do romance, especialmente quando entram em foco as relações entre os homens lusos e as mestiças brasileiras negras, mulatas ou índias.

Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (p.14).

. . . escondia (Bertoleza) de todos, mesmo da gentilha do fregue e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara.

E, no entanto, adorava o amigo, tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizam, dessas que morrem de ciúmes, mas que também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor”. (p. 134).

Também a Rita Baiana, envolvida com seus iguais, ao relacionar-se com o português Jerônimo aspira uma “ascensão”:

. . . desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranqüila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior. O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênera, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes. (p. 117–118).

A vinculação das gentes do trópico à condição animal faz dessa zoomorfia uma das características do romance de Azevedo. Florinda, a filha de Marciana tinha. . . "olhos luxuriosos de macaca" (p. 30-31); Leonor . . . "uma agilidade de mono" (p. 45); o capoeira Firmo ora é . . . "ágil como um cabrito" (p. 49) ora . . . "tem agilidade de maracajá" (p. 86).

Mas, nenhum outro personagem excede nessa cumulação de associações zoomórficas como a Rita Baiana . . . "com muito de serpente e muito de mulher" (p. 56); . . . "cobra amaldiçoada" (p. 57); . . . "cujos cabelos negros são como ninho de cobras negras e venenosas" (p. 58). A mulata baiana "volúvel como toda a mestiça" (p. 49) quando junto ao Firmo, mulato pernóstico e malandro exacerba a "zoofilia" do escritor.

E cada verso que vinha de sua boca de mulata era um arrulhar choroso de bomba no cio. E o Firmo, bêbado de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e ele gemiam com o mesmo gosto, gruhindo, miando, com todas as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até ao tutano com línguas finíssimas de cobra. (p. 85).

Mas é no fascínio que ela passa a exercer sobre o cavouqueiro Jerônimo, que a mestiça brasileira vai encarnar não só a fauna, como também a flora brasileiras.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoava nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viçosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. (p. 57).

A vinculação homem-animal aparece no *O Cortiço* sob vários matices e, por vezes, é metafórica ou simbólica. Tal é o caso da perseguição que as formigas moviam ao Albino, o lavadeiro. Depois de descrever-lhe minuciosamente a morada, Azevedo faz o seguinte registro:

E ele, o pálido lavadeiro, sempre com o seu lenço cheiroso à volta do pescocinho, a sua calça branca de boca larga, o seu cabelo mole caldo, por detrás das orelhas bambas, preocupava-se muito em arrumar tudo isso, eternamente, como se esperasse a cada instante a visita de um estranho. Os companheiros de estalagem elogiavam-lhe aquela ordem e aquele asseio; pena era que lhe dessem as formigas na cama! Em ver-

dade, ninguém sabia por que, mas a cama de Albino estava sempre coberta de formigas. Ele a destruí-las, e o demônio do bichinho a multiplicar-se cada vez mais todos os dias. Uma campanha desesperadora, que o trazia triste, aborrecido da vida. (p. 140).

Este fato insólito nos faz lembrar um escritor latino-americano de nossos dias: Gabriel Garcia Márquez, que exalta o trópico colombiano e, no seu romance *Cem Anos de Solidão* registra uma forte vinculação homem-animal. O Albino precede, de certa forma, aquele amante ardiloso que penetrando no quarto da amada na calada da noite era denunciado pela presença da nuvem de borboletas que permanentemente giravam em torno dele.

A influência do meio tropical sobre o imigrante é tese insistida fortemente no romance de Afúscio de Azevedo. E isso, particularmente, em relação a Jerônimo:

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, revicerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal; imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincherou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português; e Jerônimo abraçara-se. (p. 66-67).

A muralha de fogo – sol e calor – expressa a ação do clima como principal agente tropical na sua influência poderosa sobre o homem europeu. Piedade comparava sua terra à esta nova, motivo de suas aflições pelos descaminhos em que se metera o seu homem.

Sim, lá os campos eram frios e melancólicos, de um verde alourado e quieto, e não ardentes e esmeraldinos e afogados em tanto sol e em tanto perfume como o deste inferno, onde em cada folha que se pisa há debaixo um réptil venenoso, como em cada flor que desabotoa e em cada moscardo que adeja há um vírus de lascívia. (p. 123).

e nas suas imprecisões:

. . . quando levantava para os céus os punhos fechados, dir-se-ia que não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode. Parecia re-

belar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubara o seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente do seu peito e ela não. (p. 123).

Seria surpreendente, e mesmo espantoso, que as concepções sobre imposições mesológicas* encontradas em Aluisio de Azevedo pudessem ser oriundas das idéias de Friedrich Ratzel (1844-1904). Embora tendo sido jornalista antes de ingressar na docência universitária é pouco provável uma tal rapidez de trânsito de idéias da Europa para o Brasil sobretudo em língua alemã.*

O "determinismo geográfico", tem sido vinculado ao pensamento daquele geógrafo alemão cuja expressão ocorreu na década de oitenta do século passado. A sua Antropogeografia é edificação que se balsa entre 1880 quando Ratzel principia a trabalhar em München e 1886 quando se estabelece já como professor de Geografia na Universidade de Leipzig. Deve-se pensar ainda que, a geografia estava em pleno fluxo das idéias de Vidal de la Blanche. No ano seguinte à publicação de *O Cortiço* (1891 deu-se a consagração de Elisée RECLUS que ao instalar-se como professor na Universidade de Bruxelas, recebe a medalha de Ouro da Société de Géographie de Paris, como tributo à edição dos dezenove volumes da *Nouvelle Géographie Universelle*. Malgrado seu passado revolucionário e seu envolvimento direto com a Comuna de Paris (abril de 1871), que lhe custara o exílio, sua obra de geógrafo é marcada por sua herança de discípulo de Karl Ritter e a influência labranchiana.

Parece fora de dúvida que o trânsito das idéias entre a Europa e o Brasil no século passado era de certo modo mais rápido no campo da filosofia e das letras. Rápida foi a aceitação (e entusiasmo) pelas idéias de Auguste CONTE, cujo Cours de Philosophie Positive foi divulgado na Europa entre 1830 e 1842. Desta mesma época é a formação da corrente literária do realismo em França se tomarmos como referências os romances *Le Rouge et le Noir* de STHENDAK (1830), a publicação e toda a série da *Comédie Humaine* de BALZAC (1829-1848) e o *Madame Bovary* de FLAUBERT (1856). Das décadas dos trinta aos cinquenta na Europa para aquela dos oitenta neste outro lado do Atlântico. Como entender que o determinismo a travessia tivesse sido tão mais rápida? É por isso que parece preferível associar tanto as manifestações de racismo quanto a força da influência do meio identificadas em Aluisio de Azevedo às idéias filosófico-literárias e artísticas de TAINE, configuradas nos anos cinquenta, do que às concepções em termos "ratzilianos".

Isto vem demonstrar, creio eu, que há uma necessidade de re-examinar a obra de Friedrich RATZEL cujas idéias tem sido tanto mal interpretadas quanto distorcidas e falseadas. A simplicidade, por vezes bissonha, que nos foi transmitida pelo cliché Determinismo (alemão) X Pos-

* Bem pode dar-se que este registro seja motivado por uma desinformação minha. Caso não seja, isto é, se ela puder vir a ser compartilhada por outros, seria o caso de debater e investigar a questão.

sibilismo (francês) demonstra bem o quanto há de nocivo entre o repetir-se, de segunda mão, sem confronto com as verdadeiras fontes, o conhecimento "estabelecido".

Talvez fosse mais consistente pensar-se que, as idéias – mal assimiladas – de Ratzel tem um vizez ligando-se a um outro circuito de idéias*. No mesmo ano em que morreram "os pais da geografia": Humboldt e Ritter, DARWIN publicava a *Origem das Espécies* e FARADAY a sua coletânea *Pesquisas Experimentais em Química e Física*. Aí repousam dois pilares da sabedoria científica, sobre os quais se assentam a vida "moderna" dos nossos dias.

A contribuição de Ratzel à Geografia, em meio ao panorama das ciências do homem, em meados do século passado está a requerer uma análise mais profunda e, sobretudo, uma sintonia com as outras ciências. Ela parece significar muito mais do que a idéia de uma simples preponderância da natureza sobre o homem.

Se no final do século nosso problema no Brasil era abolir a escravidão e atrair substituto a mão-de-obra de origem africana, a Europa já vivera a revolução industrial e tinha bem definida como classe o proletariado. Talvez a obra *Capital* de Marx, como pilar do mundo de hoje não seja tanto *O Capital* (obra iniciada em 1867) mas uma peça bem menor e de maior carga de "mudança": o manifesto do Partido Comunista (1848), que já foi ressaltado como peça fundamental na "modernidade" (BERMAN, 1982).

Se foram necessárias três décadas para que a corrente literária do realismo chegasse até nós, o que dizer das idéias revolucionárias de socialismo-comunismo, materialismo histórico? Seria necessário acrescentar mais meio século se tomamos como "marco" a fundação do Partido Comunista entre nós (1922).

Quero com isso apontar os dois aspectos geográficos fundamentais contidos no *O Cortiço*: a natureza tropical e a marginalidade social do Rio de Janeiro. O painel magistral do O CORTIÇO aponta um importante fenômeno no seu nascedouro. A partir daquele momento o fenômeno da sub-habitação urbana passa a se incorporar à cidade do Rio de Janeiro, para depois generalizar-se na cidade brasileira.

No governo de Floriano Peixoto o primeiro "prefeito" do Rio – Angelo BARATA RIBEIRO – notabilizou-se pela sua luta aberta contra os cortiços, na qual avulta a demolição do famoso Cabeça-de-Porco, fachada que mereceu uma crônica de Machado de Assis em janeiro de 1893.

Com o fim da Campanha de Canudos (1897), as tropas de retorno acampadas ao pé de um dos morros no centro da cidade, viria a ser designado de Morro da Favela, reproduzindo um topônimo do sítio de Canudos. Batizava-se assim, uma outra modalidade de sub-habitação que, proliferando pelos morros, de forma mais visível na paisagem (mas ex-

* Caberia, neste burgo, lembrar pelo menos Herbert SPENCER (*Social Statics*, 1857): J. STUART Mill (*Principles of Political Economy*, 1848)

tendendo-se por outros tipos de sítios) passaria a ser uma fato significativo em nosso processo de urbanização.*

MATERIALISMO E ESPAÇO GEOGRÁFICO EM GRACILIANO RAMOS NO *VIDAS SECAS*

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos.

Assim principa o *Vidas Secas*, publicado em 1938, dois anos após a prisão de Graciliano Ramos nas Alagoas, e sua remoção, junto a outros envolvidos na Aliança Libertadora Nacional, para o Rio de Janeiro no Estado Novo de Vargas.

Álvaro Lins, o arguto crítico literário já assinalara que:

Meio físico – o que seria, no romance, a paisagem exterior – não aparece muito objetivamente no romance do Sr. Graciliano Ramos. Ele exprime o ambiente com fidelidade, mas somente em função de seus personagens. A ambiência é um acidente; o personagem é que é a vida romanesca. A paisagem exterior torna-se uma projeção do homem. . .
(ÁLVARO LINS – Graciliano Ramos em termos de construção do romance e arte do estilo. (outubro de 1941).

Esta constatação talvez desaconselhasse ou mesmo contrariasse o procurar-lhe o conteúdo geográfico. Sendo, contudo, um comentário de ordem genérica sobre a “obra”, vejo-me tentado a procurar no *Vidas Secas* pelo menos aquela “fidelidade” com que o autor exprime o ambiente.

As frases iniciais já apontam o profundo teor de síntese e captação dos elementos essenciais: a planície avermelhada do sertão nordestino sob a seca; o verde dos juazeiros, elemento de permanência no revestimento vegetal; e “os infelizes”, ou seja, a família de retirantes, sem posse de terras, tangida pela seca, tomando chegada em uma dada fazenda.

Inútil será procurar identificar o espaço por meio de topônimos. Não há a menor ou mais leve referência de localização num texto onde a economia de palavras é dirigida ao essencial propósito do autor: o retrato dos infelizes. Mas será que isto invalida a percepção do espaço geográfico ou localização da família de sertanejos em sua ambiência? De nenhum modo. Se lhe faltam o registro nominal, corográfico, há contudo uma alta fidelidade aos elementos essenciais da paisagem.

* Registre-se aqui a contribuição do sociólogo José Arthur RIOS ao estudo desse fenômeno. Vide Bibliografia.

Num ponto qualquer do sertão nordestino, tangida pela seca, uma família exausta e faminta chega a uma (qualquer) fazenda, distante três léguas de uma (qualquer) cidade. O espaço imediato ou "o sítio" da fazenda registra: o leito do rio seco, a lagoa seca, o bosque de catingueiras murchas, os juazeiros – a cavaleiro do leito do rio – o barreiro, com um mulungú. . .; o curral, o chiqueiro de cabras – são os anexos da "casa" com copiar – onde, em meio aos elementos arquitetônicos típicos, não faltam os utensílios essenciais: a cama de varas, o pote numa forquilha de três pontas. . . e até o jirau com craveiros e painéis de losna. . .

Os juazeiros, na resistência do seu verde, têm uma função algo simbólica e são ponto de referência fundamental naquele espaço imediato de ação. Na chegada dos retirantes eles ofereceram sombra: "*subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra.*" Durante a cheia violenta no "inverno" eles foram uma baliza: "*o rio subia a ladeira, estava perto dos juazeiros*".

O capítulo "Inverno" exhibe eloquentemente a outra feição de vida difícil naquele ambiente. Mais do que lamentar a falta de qualquer toponímia vale ressaltar aqui a demonstração de que o autor não esquece (o que é muito freqüente) o fato de que a grande realidade do caráter climático do sertão nordestino não é apenas a seca. Nitidamente lenta, progressiva e cumulativa em seus males a seca é episódio dramático que deixa maior impressão na "memória". Em contraste, as violentas cheias, em alguns "invernos" são episódios que, malgrado o seu aspecto calamitoso, além de serem rápidos trazem em si a própria presença da água (em excesso ou "despotismo") que, passado o mefeício, faz renascer o verde da catinga e aquele das plantações. Assim, em termos de ambiência, na sua dinâmica, o romance retrata fielmente as duas faces de uma mesma moeda:

A família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, sinhá Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de traveseiros aos filhos. A cachorra Baleia, com o traseiro no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brasas que se cobriam de cinza.

Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras, e o barulho do rio era como um trovão distante. (p. 63).

Tal é o início do capítulo "Inverso" com a família reunida em casa sob o forte aguaceiro. O início do fenômeno é descrito primorosamente:

. . . A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas. De repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão a meia noite rolaram nuvens cor de sangue. A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia – e sinhá Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas,

enrolando-se nas cobertas. Mas aquela brutalidade findara de chofre, a chuva calra a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançando a ladeira, estava com vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinhá Vitória andava arredondada. Seria possível que a água, topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como presos. (p. 65).

Depois do aviso dado pelo aparecimento das arribações no capítulo "O Mundo coberto de Penas" outra seca vem chegando:

A vida na fazenda se tornava difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre: (p. 16).

Mas se o meio está expresso em sua síntese essencial como aparece o homem na história? A família, aqui também tomada como síntese do homem genérico, em sua relação com a natureza e a própria sociedade, em que vive, é também e talvez mais ainda do que a paisagem — exibida em uma síntese que chega às raízes do simbólico. E a relação dela, com a ambiência natural e com a social, exhibe, num equivalente grau de tratamento, a mesma depuração.

Podemos encontrar aqui, nesta relação, tal como no *O Cortiço* a mesma força da natureza tropical através da luz, expressão da energia solar.

Fabiano seguiu-a (Baleia) com a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. O couro do braço da mulher, apontou o céu, ficava lá, os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando; conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente. Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.

Miudinhos perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. (p. 13)

Por certo que há uma forte relação telúrica e isto é explicitado. Fabiano podia insistir "nos seus conhecimentos topográficos".

Qual era o emprego de Fabiano? Tratar de bichos, explorar os arredores, no lombo de um cavalo. E ele explorava tudo. Para lá dos montes

afastados havia outro mundo, um mundo temeroso; mas para cá, na planície, tinha de cor plantas e animais, buracos e pedras. (p. 123-124).

Esta relação íntima, projeta-se biologicamente na introspecção do personagem, identificando-se ao seu meio imediato, como animal ou planta:

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O campo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! (p. 19). ♦

Eis aqui a chave de todo o conflito. *Estar em terra alheia*. Entre as agressões do meio natural e aquelas das relações sociais, estas são muito dilaceradoras. E é em tomo da comparação das duas adversidades que Fabiano reflete sobre sua condição de animal ou de homem. Logo às primeiras páginas quando, tangido por uma seca, avista os juazeiros e uma casa de fazenda, quando um dos filhos cai exangue na estrada, o balanço do personagem é bem claro:

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (p. 10).

A marcha inevitável. O destino de judeu errante que levava a família a vagar pela caatinga, tangida pela seca “fato necessário”, em tanto que percepção de um atributo natural – mas movida por uma realidade social. Sua condição de “animal” o iguala à Baleia – cachorra reflexionante e capaz de “sentimentos revolucionários”.

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terras alheias, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano. (p. 18).

Enquanto no romance urbano de Aluísio de Azevedo, o cortiço podia ter o seu espaço localizado com precisão, aqui no *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, isto será impossível. Mas significará isso impossibilidade de identificar, no espaço romanesco, um conteúdo geográfico? De modo nenhum. Muito ao contrário. E esta demonstração parece-me extremamente rica e uma feliz oportunidade para esclarecer o que se deverá entender como conteúdo geográfico.

Aqui o mapa corográfico não é possível, posto que, a expressão da realidade física, ou natural, da paisagem é tomada em sua essência e adquire, por isso mesmo, foros de "símbolo" que chega a adquirir a força de um "modelo teórico."

O espaço fundamental na trama romanesca, na saga episódica mas reveladora – também ela universalmente simbólica – da realidade da população sertaneja, é o espaço social. No Quadro 2 procurei esquematizar, paralela e simultaneamente, as três categorias que compõem o espaço geográfico. No centro está o relacionamento social. Aqui exhibe-se a família – o conjunto de cinco viventes, os infelizes – que, como os bichos e as plantas – se integram ao "sertão nordestino", tomado em sua universalidade simbólica, na base do quadro. No topo esboça-se a trama das relações de produção econômica.

De um lado – o das afinidades ou simpatias – avulta o "seu Tomás da bolandeira", personagem oculto, remanescente de uma etapa anterior na marcha errante dos infelizes. Aquele que deixou em sinhá Vitória a lembrança material da "cama com lastro de couro" e em Fabiano, o respeito pela "sabedoria". Visto por Fabiano como "dos homens do sertão o mais arrasado" (p. 21), era o homem respeitado, que falava bem, porque "estragava os olhos em cima de jomais e livros" mas que possuía uma exquisitez inexplicável: "não sabia mandar: pedia". Ele é uma exceção – e por isso mesmo é apresentado sob um nome (seu Tomás) relacionado a uma de suas posses de homem apenas remediado (a bolandeira) e que, por isso mesmo, não se distancia enormemente dos infelizes; mas uma distância (social) ainda considerável: "Seu Tomás era pessoa de consideração e votava" (p.27).

Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arumada, dormiriam bem debaixo de um pau." (p. 23).

Sinhá Terta, a costureira, representa – em nível mais próximo aos infelizes – a artesã, alguns degraus abaixo do saber de seu Tomás. A costureira era dotada de "uma ponta de língua terrível" capaz de falar "quase tão bem como as pessoas da cidade".

Do lado oposto está o patrão. Não tem nome, pois na sucessão de etapas de retirada, o personagem é, antes de tudo, uma pluralidade. Po-

deria ser numerado ordinalmente. Acima do nome de batismo está o papel (social que ele representa, e este é uma constante conhecida.

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha a fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque poderia descompor e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente, jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (p. 22-23).

O capítulo CONTAS (p. 92-96) fornece um quadro perfeito das "relações de produção" entre patrão e vaqueiro e o sistema econômico vigente no sertão. As esperanças que as contas de sinha Vitória - feitas com a ajuda de sementes - alimentaram, ruíram ante a alegação da existência de uma coisa incompreensível: os juros. Um ameaço de protesto (ou dúvida) do vaqueiro levanta a ira do patrão e termina sempre em desculpa do primeiro que acaba, ao final da entrevista, saindo de costas, o chapéu varrendo o tijolo".

O autor deixa bem claro a dualidade causal dos infortúnios do Fabiano e sua gente, ao mesmo tempo em que aponta a sua ignorância como fator que inibe sua reação. Veja-se neste trecho, a clareza do paralelismo causal e a esperança no saber:

Um dia. . . Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito. . . Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles. (p. 24-25).

E melhor ainda aqui:

Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru." (p. 24).

Entre os dois lados, e acima deles, estaria "o governo". No espaço social este é o elemento mais remoto, de tal modo que é suspeitado pelo Fabiano como "coisa distante e perfeita", que "não podia errar". Em sua distância inatingível sua presença se manifesta "na cidade", na pessoa do soldado amarelo, uma "fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres". O carácter de coisa longínqua, que se desconhece (e, por isso, se receia e teme), que o poder político tem sobre o vaqueiro Fabiano pode ser analisado pelo confronto dos capítulos CADEIA e SOLDADO AMARELO. No primeiro ele é insultado, roubado, batido e aprisionado pela "autoridade". No segundo, quando Fabiano o encontra no meio da caatinga, sozinho, acovardado, em vez de vingança o vaqueiro, pondera

que "Governo é Governo". Por isso "tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo".

Prescindiria este espaço social – que contém nele as relações igualmente "abstratas" do econômico – de um espaço territorial, concreto? A ausência da precisão corográfica de localização não invalida uma existência que se pode tomar como concreta, num espaço tridimensional, euclidiano, de um "território".

Embora não tomado preciso o espaço romanesco se insere numa realidade geográfica que advém justamente da fusão destes diferentes (mas não, antagônicos) espaços que, embora se expressando por meios (geometrias) diferentes pode atingir uma definição territorial. O que falta em precisão topográfica é compensado por percepção topológica.

O espaço romanesco no *Vidas Secas* pode ser configurado em três níveis.

Há um espaço imediato ou "de vivência" entre os personagens, a família de cinco viventes, e uma dada posição de caatinga, representado por uma (qualquer) dentre as muitas fazendas de criação do universo sertanejo nordestino. O espaço imediato da estória é, naquele momento, um elo de uma longa cadeia de outros lugares (fazendas) por onde se tem deslocado a família retirante segundo o fluxo desfavorável das injunções naturais (seca) e sociais (agregação à terra alheia).

Ali o vaqueiro sente-se a vontade com o ambiente – caatinga e fazenda – embora a primeira lhe seja hostil na seca, com seus espinhos e a fazenda neutra em suas edificações e animais que não lhe pertencem.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. De seus pés duros quebrava espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, guardava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que a companheira entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para outro lado, cambaio, torto e feio. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações onomatopáicas. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (p. 19-20).

Dar-se bem com os animais, nas lidas da fazenda e sentir-se contrafeito na cidade, onde a gente usa palavras compridas e difíceis: eis aqui o espaço complementar – difícil mas necessário – que, a uma distância de umas poucas léguas separa, no sertão nordestino, as fazendas de uma (qualquer) cidade.

Esta é um meio hostil, nas diferentes manifestações da vida de relações. É difícil lidar com o seu Inácio da venda que bota água na cachaça, no querosene, em tudo. . . com o fiscal da prefeitura que quer cobrar impostos por qualquer criação que se queira vender na feira. Na cidade há o soldado amarelo – autoridade, representante do Governo – que convida para jogar, toma o dinheiro, bate e põe na cadeia. E sobretu-

do é na cidade que está o patrão, que “realizava com pena e tinha cálculos incompreensíveis”.

Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles videntes. (p. 76).

Era na cidade que os meninos se davam conta de que “havia muitas pessoas no mundo” e de “como podia haver tantas casas e tanta gente?”

Naquele meio especial e hostil as dificuldades começavam com o vestir-se para ir a festa. Como tinha religião, Fabiano, entrava na igreja uma vez por ano. Ia a novena ou a festa de Natal. E sinhá Vitória deslumbrava-se com as mercadorias nas prateleiras e as imagens nos altares, manifestações da riqueza do mundo. Coisas tão variadas que era difícil admitir-se que houvesse tantas palavras para poder nomeá-las.

Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças que elas porventura encerrassem.

O que o capítulo CADEIA inicia exibindo a visita rotineira à cidade para as obrigações básicas, aquele outro FESTA, completa, por ocasião do natal, os termos das relações dos sertanejos da fazenda com a cidade. Cidade onde há um dinamismo próprio, tão diferente daquele da fazenda:

A feira se desmanchava; escurecia; o homem da iluminação trepando numa escala, ascendia os lampiões. A estrela para-ceia branqueou por cima da torre da igreja; o doutor juiz de direito foi brilhar na porta da farmácia; o cobrador da prefeitura passou coxeando, com talões de recibos debaixo do braço; a carroça de lixo rolou na praça recolhendo cascas de frutas; seu vigário saiu de casa e abriu o guarda-chuva por causa do sereno; sinhá Rita louceira retirou-se. (p. 28-29).

Da fazenda, pela caatinga até a cidade o espaço romanesco projeta-se ao horizonte onde um acidente especial serve de referência simbólica, como a que a delimitar o real do imaginário. É a “serra distante e azulada” mencionada várias vezes. De início, nas reflexões do menino mais velho ela aparece como acidente que é percebido claramente como referencial de delimitação no espaço romanesco.

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a

família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, vedas quase imperceptíveis na caatinga; maiotas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira – e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se... (p. 56–59).

Ainda na percepção dos meninos, em sua visita à cidade, durante a festa:

Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada... (p. 74)

E também assim era percebido por Fabiano:

Qual era o emprego de Fabiano? Tratar de bichos, explorar os arredores, no lombo de um cavalo. E ele explorava tudo. Para lá dos montes afastados havia outro mundo, um mundo temeroso;... (p. 123–124).

Quando advém a seca seguinte àquela que os trouxera a atual fazenda não é apenas a seca mas os males desta acrescidos àqueles da "dívida" para com o atual patrão que o impelirá para diante, e desta vez, para além daquele limite:

Mas quando a fazenda despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido. (p. 116).

A terra seca não é a total responsável pela secura da vida dos sertanejos. Há um poderoso vínculo entre eles, mas a secura da "coisa alheia" é decisiva na elaboração destas vidas secas.

A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. E os pés dele esmoreciam, as alpercatas calavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo? As alpercatas chiavam de novo no caminho aberto de seixos. (p. 117).

O problema racial – bem ao contrário daquela conotação no *O Cortiço* – aqui não existe. Fabiano é claro de olhos azuis, arruivado e se

sente um “cabra”, um “negro fugido”, por obra de sua marginalidade econômica e social. Todo o seu questionamento sobre ser um homem ou ser um bicho advém da condição social e não da influência do meio físico. Nesse ponto ele a Baleia – personagem importante na estória – são parecidos:

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família.” (p.96).

Esta fatalidade no vaqueiro, faz paralelo com aquela da sua cachorra, apavorada quando ele lhe aponta o rifle, para sacrificá-la em face da hidrofobia:

... de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio virados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.” (p. 89).

Homem e animal se igualam também nos seus sonhos. A hora da morte quando a tremura subia, “o corpo se arrepia e espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença” a cachorra delira:

Baleia queira dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.” (p. 91).

Outra vez na estrada, mais uma vez retirantes, os viventes infelizes, apegados uns aos outros, agora vão ultrapassar a serra azulada, distante. Animado pelas palavras de incentivo e esperança de sinhá Vitória, Fabiano avança:

E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. (p. 126).

Se para o casal já não há muita esperança esta repousa agora nos filhos, crianças. Por isso é preciso romper o limite do horizonte, ir além da

Serra Azulada Distante, inda que por etapas. A intuição de Fabiano não é movida pela fé. Sua religiosidade rústica foi bem retratada, e ela se manifesta apenas em alguns hábitos culturais repetidos por tradição. O materialismo do autor não vai ao ponto de eliminar a religiosidade do sertanejo. E o autor é honesto, não deturpa a realidade em sua ficção. O sentimento que habita os pais não deve ser muito diferente daquele de seus filhos, quando, na festa, penetram na igreja.

Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e Sinhá Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. As luzes e os cantos extasiavam-nos. De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro e querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bem-dito de Sinhá Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado. (p. 74).

Nesta sutil comparação, sugerida pela ação entorpecedora do bem-dito, como aquela do aboio, manifesta-se o materialismo de Graciliano que define a posição do vaqueiro ao seu meio por meio de uma introspecção em torno da avaliação de sua própria dimensão humana. Fabiano, pretendendo-se ora como homem, ora vendo-se simplesmente como bocho, como foi atrás registrado, passa sempre pelo viés social e não por obra da natureza. No encontro com o soldado amarelo, no seu próprio habitat, aflora um raciocínio ético que merece especial reflexão ante a dubiedade.

Se aquela coisa tivesse durado mais um segundo, o policia estaria morto. Imaginou-o assim, caldo, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue epastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastá-lo para dentro da caatinga entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois critaria aos menios, que precisavam criação. Era um homem evidentemente." (p. 107).

Contudo ao refletir sobre aquela *fraqueza fardada*, um dentre os muitos *bichinhos fracos e ruins* pelos quais não valia a pena inutilizar-se, ele prefere uma opção pacífica. Perde a sua evidente dimensão humana, porquanto:

Vendo-o acanhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.
- Governo é governo. (p. 107).

Poder-se-ia admitir três alternativas. A inexorabilidade de um destino cego e fatalista, ao qual não se pode reagir. A incapacidade de atingir uma dimensão humana e, como tal, reagir violentamente como ani-

mal. Transpor o horizonte regional e, na cidade, onde vivem "pessoas fortes", preparar os filhos mediante o "estudo de coisas difíceis mas necessárias". Aceitação de uma fatalidade, revolução contra a injustiça e adiamento para uma conquista mais provável e duradoura.

Uma dimensão básica do humano, na reflexão de Fabiano, é adquirida na escola:

Difícil pensar. Vivia agarrado aos bichos. . . Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e safa. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. (p. 36).

Ao nível literário Álvaro Lins examinou a questão do espaço e do tempo em Graciliano Ramos. E o fez especialmente no caso de *São Bernardo*. Deste último colheu o crítico a expressão: "Mas no tempo não havia horas", esclarecedora daquilo que seria a escolha do autor intermediária entre o *tempo metafísico* e o *tempo convencional e materialista: a abstração do tempo*.

No caso do *Vidas Secas* a abstração, que certamente existe cronologicamente, não elimina a clareza de um tempo geograficamente caracterizado pelo tempo meteorológico. O tempo do romance é o segmento compreendido entre duas "secas", aquela pela qual a família de retirantes *chega* e a outra, permeada por um forte "inverno", que a leva a *nova fuga*. É este tempo – advindo da noção de regime climático irregular – assenta bem ao tempo histórico onde as mudanças são escassas ou inexistentes e as permanências uma constante.

O fato da cidade ser iluminada por lampeões tanto sugere ser antes quanto depois de 1938 (ano da publicação) já que a magnitude regional do sertão encerra muitos arcaísmos. Mas é o pulsar do comportamento atmosférico, negando a sucessão regular da alternância tropical de inverno (chuvas) e verão (secas), distorcendo-se em extremos de secas e enchentes, que regula vida dos deslocados sertanejos sem terra, em alternância de chegadas e fugas.

Aqui vigora um tempo circular e esta fatal palíndromia atordoia as criaturas, tal como faz como Sinhá Vitória:

Sinhá Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que, era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arrições, os urubus que farejavam carniça. Falou no passado, confundiu-o com o futuro. Não poderiam voltar a ser o que já tinham sido?(p. 119).

O tempo circular, cíclico, alterna as repetidas metamorfoses contrastantes tal como as percebe o menino mais velho:

Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne seca e pedaços de tocinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de mambira. (p. 59).

O tempo do *Vidas Secas* nos transporta, fatalmente ao tempo do *O Cortiço* e o segmento de quase meio século entre as publicações daquelas obras, nos força a unir os destinos trágicos de Bertoleza e aquele, ainda não concluído, de Fabiano. A marginalidade no urbano do Rio faz uma amarga sintonia com o rural do sertão.

Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! (p. 93).

Esta frase do ruivo de olhos azuis Fabiano podia servir à negra Bertoleza, explorada (até em sua carne) e enganada pelo português. Em romances tão diferentes, em espaços diferentes, separados por cerca de meio século há este vínculo, pela nódoa da marginalização de pessoas que, na cidade e nos campos, ainda não conseguiram o direito à cidadania.

ALGUMAS POSSÍVEIS REFLEXÕES SOBRE UM PLAUSÍVEL PARALELO

Como ligar estas duas obras-primas da nossa literatura no tempo (histórico) e no espaço (geográfico) brasileiro? Haverá, no decorrer deste século, algum sincronismo possível que, da cidade do Rio de Janeiro ao Sertão Nordestino, faça aflorar algo de nossa unidade-diversidade nacional?

Se na virada do século a cidade do Rio de Janeiro passaria por profundas alterações em sua estrutura física para adaptar-se às novas funções que a passagem do Império à República e aquela da monocultura cafeeira ao embrião de vida industrial estava exigindo*, o Sertão Nordestino passava por um período extremamente grave em decorrência de secas pronunciadas que podem ser bálizadas por aquelas 1877 a 1915.

Enquanto os barões do café preparavam-se para tentar o novo papel de capitães de indústrias, passando da escravidão ao proletariado os coronéis do algodão no Nordeste, estavam à beira da ruína pela ação das secas enquanto o sertão era percorrido por uma onda de flagelados, agrupados em movimentos messiânicos dos quais o mais importante fora

* É especialmente significativo que no mesmo ano de 1906 realiza-se o Convênio de Taubaté, entre os cafeicultores e o Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, sob a égide do movimento anarco-sindicalista.

Canudos (1894–97) terminando com o massacre do arraial do Antônio Conselheiro pelas tropas vindas do Sul do País.

Se a estratégia de “verificação de poderes” de Campos Salles gerando a “política dos governadores”, extravasando a aliança São Paulo – Minas Gerais (café com leite) reforçou as oligarquias no sertão e deu força política aos coronéis do algodão, aquela de Hermes da Fonseca, dita “política das salvações” remanejou-lhe o poder político. No sertão certas oligarquias locais fiéis ao governo federal, foram promovidas mediante aliança entre militares e oligarcas. Este fato, que consolida e nacionaliza o poder dos coronéis do sertão, ocorre quase ao mesmo tempo da primeira exposição Nacional realizada no Rio de Janeiro em celebração ao centenário da abertura dos portos (1808). Esta era a primeira mostra da nascente indústria do Sudeste.

A Revolta do Cariri (1913–14) – liderada pelo Pe. Cícero (sob a influência de Floro Bartolomeu) não é apenas um movimento messiânico como fora taxado Canudos, mas teve profundo envolvimento político decorrente do comportamento do coronelismo regional comprometido a nível nacional. A proliferação do cangaço tem as mesmas implicações, passando a destacar-se, no futuro, o bando de Lampião (“afilhado” do Pe. Cícero)**

Enquanto o Sudeste se industrializa e urbaniza, o sertão firma os pactos que dão o poder político e domínio das terras aos coronéis, deixando os sertanejos a mercê das retiradas. Os açudes – em terras dos coronéis – e as estradas que se multiplicam a partir do governo de Epitácio Pessoa, em nome de obras “contra as secas”, reforçam a marginalização e saída dos sertanejos – para os seringais da Amazônia, a princípio, e depois para as cidades em via de industrialização no Sul.

Ao comemorar o Centenário da Independência (1922) o País assiste, no mesmo ano, à Semana de Arte Moderna de São Paulo, o levante do Forte de Copacabana (os 18 do Forte) e a fundação do Partido Comunista. Após um século do grito da Independência, o País vislumbra no “moderno” da arte um sentimento de “tropicalidade” na cultura, demonstra uma efervescência de insatisfação política – do que o tenentismo e a futura Coluna Prestes (1925–28) são expressão – e exhibe os sintomas da existência de um proletariado urbano, assimilando as idéias de socialismo à luz da revolução bolchevique (1917). Na pior das hipóteses, de uma certa camada das elites que passa a falar em nome da classe trabalhadora.

Em 1928 José Américo de Almeida, com a publicação de *A Baga-ceira* dá início ao ciclo de literatura regional nordestina ao mesmo tempo em que Mário de Andrade, na paulicéia, já desvairada pelo início de sua hegemonia econômica, publica o *Macunaíma*, erigindo como símbolo na-

* Ver a propósito Della CAVA, arrolado na bibliografia.

** O messianismo não é privilégio do Nordeste. Em 1912 inicia-se no “contestado” – entre Santa Catarina e Paraná, aquele dito da “Monarquia Celeste”, com colonos de origem européia, deslocados de suas terras pela ação da Madeireira Lumber & Co, abrindo a “sua” estrada de ferro para exploração dos pinhais.

cional "um herói sem nenhum caráter". Os anos trinta se iniciam com a publicação de *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre (1933) ao mesmo tempo que, em São Paulo, Caio Prado Júnior lança o seu *Evolução Política do Brasil*, seguindo-se a criação das primeiras "Universidades" (1934) em São Paulo e Rio de Janeiro.

A revolução de 1930 vai degenerando em ditadura que eclode em 1937 sob o rótulo de Estado Novo, expressão do nosso fascismo. Já em 1936, dois anos depois de publicar o *São Bernardo* e no ano de publicação do *Angústia* era preso Graciliano Ramos. O escritor, cujo cárcere ensinaria as memórias fora, segundo o depoimento de Álvaro Lins:

... "perseguido de maneira estúpida e inexplicável pela Polícia Política que preparava o ambiente para a Ditadura. Não era ele naquela época um homem de partido, mas apenas – e como ainda hoje nos seus livros de ficção – um escritor independente, tendo a *consciência de sua arte como expressão de realidades humanas, honestamente observadas e superiormente reveladas.*"

Ao sublinhar estas palavras de Álvaro Lins no final desta citação quero aqui estabelecer um elo entre a crítica literária e a procura do conteúdo geográfico na literatura como embasamento da postura teórica nesta investigação. O geógrafo inglês Douglas POCOK (1981) ao refletir sobre a natureza desse relacionamento aponta que:

A revelação literária, ao contrário da reportagem, é implícita, sugestiva. E assim o é porquanto o leitor não é um receptor passivo, mas também é um ser criativo e interpretativo. Autor e leitor tem ambos sua própria história biográfica e contextos social e cultural amplos incluindo o contexto de crítica literária, ela própria uma influência criativa."

Observar honestamente como indica o crítico Álvaro Lins, significa, para o geógrafo interessado em literatura, que a observação é, antes de tudo percepção. E os escritores, poetas – artistas enfim – ao fazerem esta revelação superior, o fazem em termos de "universalidade" ou seja, atingindo aquele ponto de encontro que escritores e geógrafos compartilham a propósito dos lugares: "aquele *continuum* entre a descrição a paisagem e a condição humana."

Esta revelação superior, da expressão artística, amplia a percepção e transcende a estreiteza da própria realidade. Como lembra POCOK "um número finito de capítulos ou versos tem o poder de criar uma realidade infinita" isto porque a "revelação" reativa, vivifica e amplia o sentimento do leitor.

Não se quer dizer com isto que a criação literária substitua o que a geografia pretende ter de composição científica. Mas ela, sem dúvida, enriquece e completa a "realidade" procurada pelo geógrafo. Os bons escritores, como testemunhos do seu tempo, captam "eventos" retratando as-

pectos da condição humana que "tiveram lugar". Esta semântica de ocorrer demonstra bem – pela vinculação tempo-espço – que toda esta dinâmica da condição humana não dispensa a ligação fundamental com o lugar do seu acontecer.

Por este motivo é que, num momento em que a Geografia é submetida aos mais variados fluxos analíticos, muitos dos quais numa pretensa interdisciplinaridade (que não passa de "disciplinaridade cruzada"); onde a análise setorial se põe a serviço de ou se confunde com o próprio corpo de outras disciplinas, esta linha que a quer aproximar da literatura deve ter o seu lugar. Quando mais não seja, pela simples aspiração "holística" na percepção geográfica, reavivando e resgatando aquele sabor lablachiano de "personalidade das paisagens e regiões" que, para alguns jovens ideólogos a serviço da desagregação da geografia, é algo que deve ser relegado ao lixo.

Ao focalizar aqui obras tão diferentes – em momentos, meios e posturas ideológicas de seus autores – tentei apontar algo que poderá ajudar uma avaliação desses postulados em prol de uma Geografia Humanística que, não querendo negar ou contrariar seus propósitos de Ciência, converge para um ponto de perspectiva que reafirma suas virtudes holísticas e seu caráter unitário, tão seriamente abalados nesta crise histórica do final deste século. Caráter esse que visa menos o passado da geografia e muito mais uma "episteme" mais conjuntiva no futuro.

Comparando estas duas peças da literatura brasileira, seus inegáveis contrastes servem a demonstrar que o conteúdo geográfico não obedece a estratégia de um modelo "a priori". O "geográfico" não aflora de uma simples descrição minuciosa, incluindo o batismo dos acidentes porque os fatos geográficos não são "coisas" em si, mas "relações". O conteúdo geográfico não se vê invalidado segundo a ideologia do observador (escritor ou geógrafo) mas se superpõe a ela. Em pontos diferentes do território – sob organizações naturais ou ecossistemas diferentes – elas se associam no grande conjunto do espaço brasileiro, ao mesmo tempo em que os elos de ligação diacrônica, são capazes de apontar mudanças e permanências em nossa evolução, como Estado a procura de ser uma "nação".

A sintonia entre componentes tropicais – seja no litoral do Sudeste seja no sertão do Nordeste aflora com a mesma força nas duas obras avivando aquilo que, sendo uma característica geográfica básica, é exaltado em criações literárias diferentes mas comungando de um mesmo contexto cultural. O determinismo ambiental (naturalista) e o materialismo histórico (social), revelando-se a partir de observações ou percepções honestas, são "filtros" que avivam ou amortecem os contornos das realizações humanas que se desejam captar, enquanto a revelação artística não falsifica ou deforma aquela captada pela investigação científica.

Seria ocioso querer insistir na importância que a associação literatura – geografia representa como veículo de educação. De há muito se preconiza e aconselha, sobretudo no ensino médio, a prática de integra-

ção curricular. Orientações pedagógicas bem conduzidas incorporam esta prática na Geografia, no exterior e em nosso próprio País. (SALTER & LLOYD, 1977; CEMP, 1983).

Acredito, contudo, que além da oportunidade de avaliação desse relacionamento o presente exercício pode trazer um outro importante motivo a nossa reflexão. Isto decorre de dois aspectos que a análise comparada destas duas obras literárias permitem projetar na realidade geográfica da atualidade.

Um ponto em comum nas duas obras é a importância de um dos traços mais característicos do tropicalismo brasileiro: a energia solar, manifesta em luz inebriante e em impacto sobre o meio e o homem. Se na primeira ela pode ser imputada ao "determinismo" no segundo caso ela é insuspeita posto que o "materialismo" confere às relações socioeconômicas os foros de atributo determinante. O caráter deste processo de transferência de energia serve a nos lembrar o caráter peculiar da gênese da organização e dos arranjos geo-ecológicos dos domínios intertropicais e os resultados a que chegamos com o tipo de ocupação que temos efetivado e o tipo de ambiente que temos produzido neste País.

O outro aspecto – e talvez bem mais significativo – é aquele da conjunção de ambos os romances no que diz respeito a marginalidade populacional. Marginalidade urbana, no nascedouro mesmo de nossas grandes cidades, tal como aquela do Rio às vésperas da República, marginalidade no Sertão Nordestino na primeira metade deste século.

Se meio século separa *O Cortiço* de *Vidas Secas*, este último já completou meio século. Em nossos dias, um século depois, a marginalidade tanto urbana quanto rural cresceram assustadoramente. Enquanto proliferam as diferentes formas de sub-habitação nas cidades, aumentam as formas de marginalidade rural. Ao lado dos retirantes, ou originário deste tronco comum, existem os posseiros, invasores, bôias-frias e outras tantas variações de região para região. Mais importante ainda é a relação entre a expulsão do campo e a concentração (implosão) na cidade.

Se a cidade do Rio de Janeiro já era problemática no início da República, a sub-habitação só tem aumentado. Bastaria lembrar que "entre 1940–1950 a população favelada do Rio cresceu três vezes mais depressa que a população total da cidade" (RIO, 1986).

...Chegaria a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos.

Tais são as últimas linhas de *Vidas Secas*, que contém uma grande verdade. Os sertanejos não se fecham mais em sua região. Há quase cem anos Antônio Conselheiro e sua centena de "fanáticos" foram massacrados em Canudos. No mesmo ano de publicação de *Vidas Secas* (1938) Lampião e seus poucos cangaceiros foram massacrados na

grota de Angico. A medida em que as estradas se multiplicaram por obras das "frentes de trabalho" e em que os problemas nunca foram solucionados, os sertanejos espalharam-se da Amazônia ao extremo Sul, mais notadamente para São Paulo. A ciranda da marginalização continua. Os líderes messiânicos não estão mais esperando o massacre no interior do sertão. Enquanto a massa de sertanejos se espalha pelas diferentes regiões do País, os "Conselheiros" de hoje estão em São Paulo, nas lideranças sindicais e principiando a criar seus partidos políticos.*

Os adeptos de uma geografia radical dizem hoje que a Geografia esteve voltada para o mal, a favor dos dominantes e que agora, numa espécie de ajuda às pastorais da Igreja deve tomar o partido dos oprimidos. Neste aspecto a relação geografia – literatura é relevantemente esclarecedora. Se tomamos apenas o último século, veremos que ninguém poderia acusar de alienação à nossa literatura. Os dois casos tomados aqui, são alguns dos muitos exemplos de que os nossos literatos não só tem dado testemunho como denunciado, de modo claro e as vezes bem enfático, a injustiça social de que nos revestimos. Mesmo para um País onde o índice daqueles que podem fruir da literatura é reduzido, não se pode admitir que os trabalhos geográficos – acadêmicos, técnicos ou tecnocráticos – com seus cartogramas, gráficos e tabelas estatísticas possam sensibilizar a sociedade mais do que as obras literárias.

Isso parece demonstrar o quanto é vão e irrisório querer pregar o comprometimento da arte e da ciência, como meios de expressão política. A questão não é querer garantir a individualidade do artista ou a neutralidade do cientista. O problema é não promover uma confusão entre o que seja honestidade profissional (artística-científica) e a consciência e prática da cidadania. Esta sim é que tem efetividade política. A simples consciência política da cidadania, fatalmente fará aflorar nas suas obras, aquele "apelo" mediante uma espontaneidade imbutida na própria honestidade.

Neste último século evoluímos pouco. Embora tenhamos crescido não podemos dizer que este crescimento demonstre um "desenvolvimento". No tratamento de nossa natureza tropical temos procedido muito mais como o João Romão, sobrepondo-nos a ela, para enriquecer e ascender a qualquer preço. Na criação da nacionalidade não ultrapassamos a tecnocracia do Estado. Não haverá nação possível num Estado que não integra a maioria dos seus cidadãos, e antes o empobrece e marginaliza. Fala-se exaustivamente "no povo", usurpando aquilo que se diz "em nome dele", e falsamente se faz "para ele".

Essa incompetência ou incapacidade política de edificar a nação felizmente não afeta a sensibilidade dos nossos escritores. Ao contrário, parece aguçá-la. O que estou apontando aqui, canhestramente, já foi demonstrado brilhantemente em nossa literatura de hoje no *Viva o Povo*

* Repito aqui algo que já expressei em Trabalho anterior (MONTEIRO, 1938).

Brasileiro de João Ubaldo Ribeiro. Que nossas análises geográficas, na especificidade de nossa produção, possam acompanhar o apelo de nossos literatos.

Mas a vinculação de tropicalismo e marginalidade não é apenas um problema nosso, interno ao Brasil. Ele é uma das facetas da grande crise histórica do final deste século. Preparada nos meados do século passado, ao iniciar-se o século vinte, as grandes rupturas foram produzidas na própria concepção do universo, com EINSTEIN e no desvelamento do próprio homem, com FREUD. Se é verdade que FARADAY desencana-deu os meios para que se produzisse a "grande tecnologia" * e MARX apontou ao homem a capacidade de "modificar o mundo" revolucionando os termos das relações sociais, grande parte da distonia do mundo de hoje, decorre do fato de que o grande poder tecnológico impeliu o homem a arrogar-se o direito de veto sobre a natureza. Talvez uma das saídas para debelar a crise generalizada que hoje nos aflige a todos, fosse retomar a mensagem não assimilada de DARWIN. Para integrar-se harmonicamente à natureza, e parar de agredí-la será preciso que o homem compreenda que ele faz parte de uma grandiosa e extremamente dinâmica biocenose, na qual ele é apenas uma pequena parte. Assim como também seria preciso entender que a marginalidade e os conflitos da sociedade e das nações – nos quais as insoluções do capitalismo e do socialismo são faces de uma mesma moeda – estão a exigir uma nova escala de valores éticos e morais, assim como uma nova concepção do conhecimento.

E é em nome de um "novo humanismo" que as relações entre literatura e geografia podem trazer uma preciosa ajuda.

* Retomo aqui uma idéia colhida em SPOHER (1956) e já explorada em trabalho anterior (MONTEIRO, 1987).

BIBLIOGRAFIA

1. As Obras Literárias Analisadas

(Segundo as Edições aqui Utilizadas)

AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. Prefácio de Rui Mourão. 18 ed. São Paulo, Ed. Ática, 1987. Texto integral cotejado com a edição original de B. L. Garnier, 1890. Com suplemento de trabalho de Jorge Monekaka (Série Bom Livro).

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Posfácio de Álvaro Lins. Ilust. de Ademir Martins. 58 ed. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1986. 155 p.

2. Algumas Obras do Autor

(Referidas no Texto)

MONTEIRO, C. A. de Figueiredo. On the Desertification in Northeast Brazil and Man's Role in this Process. *Latin American Studies*, Ibadan, Japan, The University of Tsukuba, 1988 (Ano de produção do trabalho, 1983).

———. Geografia e uso da terra nos trópicos *Ciência para os trópicos*, Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Tropicologia. Organização de Maria do Carmo Tavares de Miranda. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1987.

———. "Trópico, Ciência e Arte – o romance entre o espaço geográfico e o tempo histórico social: das matrizes gilbertianas a outros avanços". Conferência proferida no Seminário de Tropicologia, da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife a 10 de maio de 1988.

———. *Travessia da crise* (tendências atuais na geografia). 51 p. datilografadas. Escrito especialmente para a *Revista Brasileira de Geografia do IBGE*. (no prelo)

3. Referências Adicionais

(Obras mencionadas no texto).

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. A Aventura da Modernidade. Trad. de Carlos Leite Moisés e Ana Maria L. Toriatti. São Paulo, Companhia das Letras, 1986. Ano da edição original)

DELLA CAVA, Ralph. *Miracle at Joazeiro*. New York, Columbia University Press, 1970.

FRANCO, Maria Sylvania Carvalho. Trabalho escravo, Trabalho livre (Brasil até 1964). In: *História do Século XX, 1900-1914*. São Paulo, Abril S. A. Cultural e Industrial, 1968.

SALTER, C. L. & LLOYD, W. J. Landscape in literature. *Resources paper for College Geography*, Washington, D. C. The American Ass. of Amer. Geography, n. 76-3, 1977.

COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS – C. E.

- N. P. *Coletânea de textos de Geografia da América*. São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, 1883, v. 1. 2º grau, 1ª série.
- POCOCK, Douglas C. D., Ed. *Humanistic Geography and Literature – Essays on the Experience of Place*. London, Croon Holm Ltd., 1981.
- RIOS, José Arthur. Favela. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 466-468.
- . Favela e Trópico. In: *Ciência Para os Trópicos*. Anais do primeiro Congresso Brasileiro de Tropicologia, Organizado por Maria do Carmo Tavares de Miranda. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1987.
- SPOHER, Alexander. Cultural Differences in the Interpretation of Natural Resources. In: THOMAS JR, W. (Ed.) *Man's role in Changing the Face of Earth*. Chicago The University of Chicago, Press, 1956, p. 93-102.
4. Coletâneas – Revistas
(Cronologia Histórica e Documentação Iconográfica)
- ABRIL CULTURAL. *História do Século Vinte*, São Paulo, 1968 5 v. il.
- . *Nosso Século* São Paulo, 1980. 5 v. il.
- . *Saga: a Grande História do Brasil*. São Paulo, 1981 - 6 v. il.
- BLOCH EDITORES. *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*. Rio de Janeiro, 1982. X v.

